

Revista Capixaba: trajetória técnica e gráfica por fichas de análise

Capixaba Magazine: technique and graphics track by analysis data

GOMES, Daniel Dutra; Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
dandutra.7@gmail.com

FONSECA, Letícia Pedruzzi; Dra; Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
lepedruce@gmail.com

Resumo

Este artigo trata de resultados do estudo da *Revista Capixaba* (1967), explanando sua trajetória técnica e gráfica. Enquanto a revista apresentava a sua redação em Vitória, a edição e produção funcionavam no Rio de Janeiro. Através de um levantamento fotográfico da fonte primária, juntamente a utilização de fichas de análise, foi possível entender a estruturação visual da revista, realizando um trabalho de investigação do que constitui parte da memória gráfica capixaba.

Palavras Chave: Revista Capixaba; design gráfico; memória gráfica.

Abstract

This article relates the results of a study by the Capixaba Magazine (1967), explaining its technique and graphics. While the magazine's editorial center was in Vitória, the production and design took place in Rio de Janeiro. Through a photographic research from a primary source, along with using the analysis data, it was possible to understand the magazine visual structure and develop an investigative research of what constitutes part of the "capixaba" graphic memory.

Keywords: Revista Capixaba; graphic design; graphic memory.

Introdução

Com o golpe de 1964, acontece uma pausa na vida democrática no Brasil (A Gazeta, 2000). No Espírito Santo, o governador Christiano Dias Lopes Filho (1967-1971) inaugurou uma nova fase no estado. Seu primeiro gesto foi bradar pela afirmação do Espírito Santo como parte da comunidade brasileira (OLIVEIRA, 2008).

Através de conferências, entrevistas, e publicações, o Governo projetou uma imagem capixaba mais autêntica, facilitando a compreensão dos problemas locais (A Gazeta, 2000). Nesse contexto, registra-se um importante papel desempenhado por algumas publicações como a *Folha Capixaba*, *O Diário*, *A Gazeta*, *A Tribuna*, (MARTINUZZO; et all, 2005), que estiveram presentes ou ainda marcam o cotidiano capixaba.

O *design*, então, começa a ser visto como mais um fator de modernização e desenvolvimento. As rupturas políticas, sociais, artísticas e científicas permitem uma explosão de novas revistas (MELO, 2006).

Nesse cenário, surge em 1967 a *Revista Capixaba (RC)*. A revista de circulação nacional traduzia o Espírito Santo, apresentando os valores das décadas de 60 e 70. Após quatro anos de sucesso, a *RC* se despediu das bancas em março de 1971.

Objetivos

Este artigo trata de parte dos resultados do estudo da *Revista Capixaba*, explanando sua trajetória técnica e gráfica consequentes de um trabalho de investigação da memória gráfica capixaba.

Metodologia

Realizou-se um levantamento fotográfico dos 45 números da *Revista Capixaba* encontrados na Biblioteca Pública do Espírito Santo (BPES) a fim de viabilizar o acesso ao impresso e resguardá-lo de perdas. A fonte primária levantada compreende quase uma documentação total da *RC*, uma vez que a revista teve 47 edições (MARTINUZZO; et all, 2005).

A seguir, realizou-se a construção de uma ficha de análise gráfica, instrumento de registro dos elementos gráficos de cada exemplar (COLLI; et all, 2011). São registrados aspectos da capa, imagem, *logotipo*; aspectos do miolo, estrutura visual, mancha gráfica, entre outros. Segue-se para uma fase de tabulação eletrônica das informações coletadas (GOMES; FONSECA, 2011). Os gráficos gerados auxiliam no entendimento da estruturação técnica e gráfica.

Evolução técnica

A *Revista Capixaba* apresentava a seguinte estrutura:

1. Formato fechado 23,5 x 31,5 cm;
2. Capa sempre impressa em 4 cores;
3. O miolo, em p/b, com uma média de 76 páginas por edição, alcançou um máxima de 128 p. (ano 2, jan/68, ed 11) e mínima de 34 p. (ano 4, jul/70, ed 41);
4. Anúncios que trouxeram 2, 3 e até 4 cores para algumas páginas da *RC*.

Enquanto a redação da *RC* estava em Vitória, a edição e produção eram realizadas no Rio de Janeiro, sob o zelo do editor e diretor responsável Álvaro Pacheco em sua editora Artenova.

Até julho de 1968, a composição e impressão da *RC* foram feitas na Edigraf – Editora e Gráfica do Rio de Janeiro, também de Álvaro Pacheco. A equipe técnica sob a supervisão de

Franz Paus era composta por José Sales Filho (paginação), Benito Domingues e Wanildi Guimarães (impressão).

Em agosto de 1968, o Expediente da *RC* anuncia a mudança da impressão da revista para a Editora Artenova, cuja produção era de responsabilidade de Arnaldo Gonçalves. A Edigraf foi fechada, e, com oficinas próprias, a Artenova passava a abrigar um dos maiores parques gráficos carioca da época.

Em maio de 1969, ocorreu uma modernização do parque gráfico da Artenova que adquiriu novas máquinas *offset* e os tipos Helvetica. Sendo assim, a partir de junho desse mesmo ano, a *RC* atravessa uma renovação gráfica: novo planejamento editorial, com diagramação diferente, a utilização de novas famílias tipográficas e impressão em *offset*.

Análise gráfica

CAPA

A estrutura da capa configurou-se pela composição de quatro elementos: o *logotipo* da *RC*, informações da edição, imagem e chamadas das matérias.

O *logotipo* da *RC* (figura 1) apresentava 19,0 x 4,0 cm de tamanho e era composto por tipos não-serifados. A mesma assinatura apresentou-se em todos os exemplares analisados, sempre no topo da página alinhada à esquerda nas mais diversas cores. Na maioria das capas, este era composto diretamente sobre a imagem, no entanto, houve casos em que a imagem não permitia um contraste necessário e, assim, aconteceram apresentações nas quais o *logotipo* vinha sobre um box.



Figura 1: *Logotipo da Revista Capixaba*

A capa contava com informações sobre a edição: ano, mês e número da edição; e preço. Essas apresentavam-se logo abaixo da assinatura em caixa-alta em um tipo não-serifado.

O gênero feminino constituiu o principal público da *RC*. A seção “Informa”, de Hélio Dórea, espaço preferido das *socialites*, trazia notas sobre os coquetéis e outros fatos da vida da alta sociedade local. Havia também lugar para a moda, com sugestões de peças e moldes de vestidos. As mulheres influenciavam não apenas o conteúdo da *RC*, mas também nas decisões gráficas da revista.

Das 45 capas levantadas, 38 (85%) traziam a imagem de uma mulher. Os restantes 15% dividiam-se entre fotos de crianças, personalidades e o balneário capixaba. Contrastando com todas as alternativas anteriores, a edição 2, de jun/69, trouxe na capa um quadro do pintor Pancetti. Além de homenagear o artista paulista, a *RC* anunciava a mudança do seu processo de impressão para o *offset*, recém adquirido pela editora (figura 2).



Figura 2: capas da RC – ed. 18; 23; 28.

As chamadas para as seções configuraram-se basicamente de 3 formas:

Entre mar/67 e jun/68, as chamadas apresentavam-se em tipos não-serifados em caixa-alta e itálico, nas mais diversas cores, usualmente separadas por fios.

A partir de jul/68 até jul/70, surge uma nova estética de apresentação para as chamadas. Durante dois anos, um bloco de texto justificado abrigava-as na região inferior central da página. Agora eram compostas em caixa-baixa e separadas por pequenos traços.

Posteriormente, a partir de julho até o término da RC, adotou-se maior visibilidade para a imagem da capa, passando, assim, a não utilizar mais de chamadas.

O MIOLO

Mancha gráfica de 20,0 x 29,0 cm.

Diagramação sob 3 *grids* construtivos (tabela 1) (figura 3):

Tabela 1: *Grids* construtivos da RC.

Número de colunas	largura (cm)	entre-coluna (cm)
2	9,45	0,90
3	6,30	0,50
4	4,50	0,50

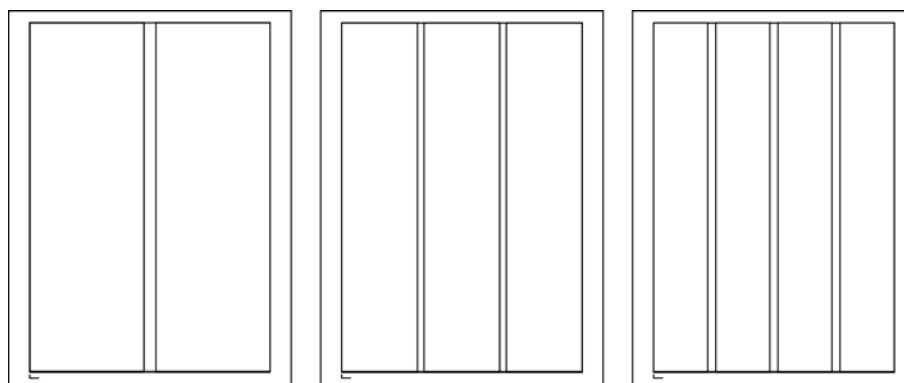


Figura 3: *Grids* das páginas do miolo da RC.

O *grid* de 2 colunas era utilizado basicamente na seção “*Preste Atenção*”, que ocupava apenas uma página do miolo, trazendo notas capixabas.

O *grid* de 3 e 4 colunas foram os mais utilizados. Nos primeiros anos, o *grid* de 3 colunas apresentou-se com maior destaque do que o de 4. Os papéis foram se invertendo nos últimos anos da revista. É interessante dissertar que o *grid* de 4 colunas apresentava texto com corpos menores em relação ao de 3 colunas.

A maioria das matérias principais da *RC* tem abertura em página dupla. É comumente utilizado de composições com a foto ou o título atravessando a dobra (figura 4). Ocorre um uso intenso da fotografia. Além disso, na maioria das soluções quanto ao uso da fotografia não foi empregado o sangramento.



Figura 4: *RC* - p. 20 e 21. Ano 3, ed. 31.

Observa-se uma linguagem visual similar nas páginas da revista paulistana *Realidade* (MELO, 2006), contemporânea à *RC*. A presença das imagens aliada ao bloco constituído pelo título em corpos garrafais resultaram em um conjunto de impacto muito utilizado nas edições da *RC*.

A tipografia dos títulos pouco varia. Não quer rivalizar com a fotografia. Títulos grafados em tipos góticos condensados, ou outros tipos pesados de serifas egípcias, com corpos grandes e em caixa-alta, formam blocos homogêneos. Observou-se que os corpos dos títulos tornaram-se bem maiores em relação aos que eram empregados nas edições iniciais.

Quanto à tipografia do texto corrido, era inicialmente, empregado Times. Posteriormente, com a modernização do parque gráfico da Art Nova, alguns textos passam a ser compostos, curiosamente, em Helvetica. A nova tipografia torna-se uma resposta aos seus diretores que desejavam que a *RC* se apresentasse diferentemente dos jornais e seus textos serifados. “A revista é uma publicação diferente do jornal, precisa ser galante, charmosa. (DÓREA, 2012)”. No entanto, o emprego da Helvetica nos textos corridos prejudicava a legibilidade. Desse modo, a fonte foi perdendo espaço para uma outra tipografia, também não-serifada, mas com um traço mais humanista e legível que passa a ser empregada juntamente a Times nos textos corridos (figura 5).

Outras decisões gráficas incluem a utilização de fios para auxiliar no equilíbrio e na hierarquia das informações na mancha gráfica. Não houve a utilização de adornos e ornamentos.

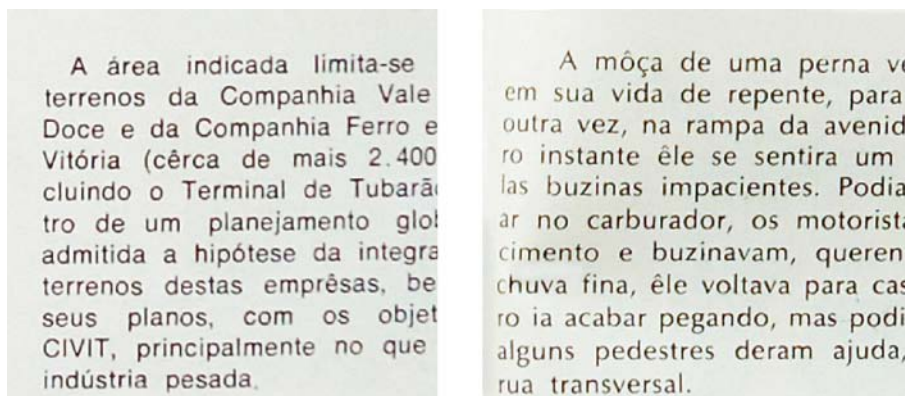


Figura 5: texto corrido da RC – tipo grotesco (esquerda), tipo humanista (direita).

Considerações finais

A *Revista Capixaba*, embora produzida no Rio de Janeiro, circulou durante quatro anos mostrando o Espírito Santo ao restante do Brasil e principalmente aos próprios capixabas.

Ao realizar esta cuidadosa análise gráfica da *RC*, por meio de fichas de análise, foi possível compreender sua trajetória técnica e gráfica. Pode-se ver, entre outros detalhes, o formato da revista, o *logotipo*, tipo de impressão e o tema das capas. No miolo, descobriram-se composições modernas em p/b que combinam fotografias com os blocos de títulos em corpos garrafais aliados pela base sólida do texto corrido.

Espera-se que este estudo da *RC* contribua para a formação de uma cultura visual formando noções de uma identidade e memória gráfica capixaba.

Referências

A Gazeta. A Saga do Espírito Santo: das caravelas ao século XXI. Vitória, Fascículo IX. Janeiro de 2000.

COLLI; Juliana Tonini; et all. **Metodologia desenvolvida pelo Nigráfica para a análise gráfica da revista Vida Capichaba**. Anais do 1º Simpósio de Pesquisa e Extensão de Design – Simpex (Vitória: Simpex, 2011).

DÓREA, Hélio. Entrevista concedida a Daniel Dutra. Vitória, 6 mar. 2012.

GOMES, Daniel Dutra; FONSECA, Letícia Pedruzzi. **Organização estatística de informações gráficas por tabulação eletrônica e gráficos de análise**. Anais do 1º Simpósio de Pesquisa e Extensão de Design – Simpex (Vitória: Simpex Ufes, 2011).

MARTINUZZO, José Antonio (Org); et all. **Impressões capixabas: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo**. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005.

MELO, Chico Homem de. **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria do Estado da Cultura, 2008.